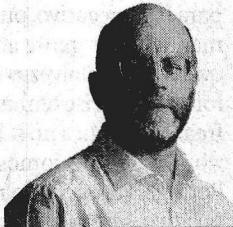


Keynes 2015-2018

João Sayad



Por que a "nova matriz de política econômica" do primeiro mandato da presidente Dilma não deu certo? Culpa do Keynes?

A revolução keynesiana consiste, essencialmente, em usar ativamente a política fiscal e a política monetária para estabilizar o nível de demanda agregada e o emprego. Uma revolução no pensamento econômico para os anos 30 do século passado.

Até então, a única tarefa atribuída às autoridades monetárias era garantir a conversibilidade da moeda nacional em ouro. A oferta de crédito e moeda era controlada automaticamente pela situação do balanço de pagamentos — superávits no balanço de pagamentos, expansão do crédito e da liquidez; déficits no balanço de pagamentos, contração do crédito e da liquidez.

Do lado fiscal, o governo deveria deixar de se comportar como um empresa privada sem acesso ao crédito, gastando apenas o que arrecadasse e passaria a atuar, também, de forma anticíclica — ex-

pandindo gastos e déficit em momentos de alto desemprego e fazendo o contrário em períodos de excesso de demanda. Friedrich August Von Hayek, o grande opositor às ideias keynesianas, temia que a intervenção do governo na economia levasse ao totalitarismo. Keynes temia, por outro lado, que o desemprego elevado e longo levasse a soluções radicais totalitárias como o nazismo e o stalinismo. Meio século depois, Hayek venceu a discussão e muitos declararam que Keynes estava morto. Mas morto não estava — a ideia de um governo ativo tanto do lado monetário quanto fiscal e preocupado com o desemprego não é, hoje, uma ideia nova ou radical.

Mas a revolução keynesiana tratava de economias fechadas onde a mobilidade de capital era muito menor do que a observada depois da globalização financeira. E, apesar da fobia anti-inflacionária da Alemanha e da França nos anos 30, o problema principal era a deflação e não a inflação.

Os monetaristas argumentaram que Keynes poderia ter nos poupar de tantas modificações no pensamento econômico se tivesse levado em conta que a taxa cambial da libra estava sobrevalorizada e era isto o que explicava o desemprego na Inglaterra. É um bom argumento, embora a desvalorização cambial não pudesse ser utilizada durante o regime do padrão ouro.

O keynesianismo sempre enfrentou uma barreira intransponível — a ética do capitalismo, is-

to é, o "ganharás o teu pão com o suor do teu rosto". Criar empregos, garantir segurança social, fazer investimentos públicos afrontam a disciplina do mercado de trabalho que o desemprego traz. Gastos públicos são aceitos politicamente apenas se o governo estiver com partidos conservadores. Obama sabe bem disso. E a objeção aos gastos públicos é menor se estes gastos públicos forem em investimentos.

Keynesianismo aplicado sem modificações causa um crescimento da demanda enviezado a favor das importações

Roosevelt conseguiu recuperar a economia, reduzir o desemprego através de gastos públicos e de uma política monetária surpreendente — desvalorizou o dólar e aumentou deliberadamente o preço do ouro para valorizar os preços agrícolas nos Estados Unidos e causar inflação. Mas, em 1937, o próprio Roosevelt volta atrás e promove uma redução do déficit público que mergulha a economia em nova crise de desemprego. Até Hitler se preocupa em "disfarçar" os gastos públicos criando uma holding composta pelos grandes grupos industriais alemães e pelo Tesouro do III Reich que financiava os gastos desta holding como se fossem gastos privados. A grande depressão só é superada pelos gastos da Se-

gunda Grande Guerra. É um registro histórico do fracasso político do keynesianismo e dos economistas.

Mas este não é o problema que explica o fracasso da "nova matriz de política econômica". O fracasso decorre do esquecimento de que a economia brasileira é uma economia aberta com grande mobilidade de capitais entre o país e o resto do mundo e com taxas cambiais flexíveis. O keynesianismo precisa ser adaptado.

Primeiro, porque o aumento de gastos públicos eleva a renda e a taxa de juros e a taxa cambial se sobrevaloriza. O aumento de demanda decorrente dos gastos públicos maiores é compensado por um déficit no balanço de pagamentos. O multiplicador de demanda agregada se reduz, pode até ser nulo. A sobrevalorização cambial rouba a competitividade da economia nacional e não reduz o desemprego.

Segundo, a inflação, do jeito que é controlada atualmente, exige um aumento nas taxas de juros que atrai dólares do exterior, valoriza o real e prejudica, ainda mais, a indústria brasileira.

Assim, o keynesianismo aplicado sem modificações causa um crescimento da demanda enviezado a favor das importações, contra as exportações e contra a indústria nacional. O crescimento da demanda decorrente dos gastos públicos acaba se refletindo apenas no setor de bens não comerciais, o setor de serviços, que não depende da

taxa cambial, aumentando salários nominais e reais e tornando a indústria nacional ainda menos competitiva.

O "custo Brasil" volta à manchete dos jornais. Mas os problemas causados por ele poderiam ser reduzidos antes que os investimentos em infraestrutura e em tantas outras coisas ficassem prontos. Para isto, a taxa cambial real (relativa ao índice de preços nacionais ou a média dos salários nacionais) precisa ser desvalorizada. Um hambúrguer do McDonald's no Brasil precisa custar o mesmo que o hambúrguer do McDonald's da Suíça ou, melhor ainda, da China quando medido em dólares.

Este é o bom keynesianismo para 2015-2018. A indústria e a economia brasileira minguam há muitos anos esperando por uma taxa cambial maior que é a forma mais rápida de recuperar o crescimento da economia brasileira. Keynesianos radicais propõem o fim do livre ingresso de capitais estrangeiros no país, à moda de alguns países do sudeste da Ásia — uma mudança radical, improvável e que acabaria com o necessário financiamento externo.

A nova equipe econômica tem muitas prioridades. A meu ver, a mais importante é a desvalorização permanente do real. Como fazer isto sem elevar a taxa de inflação?

João Sayad é professor da Faculdade de Economia e Administração da USP